

Revolução dos Cravos: E agora?

Repensar o(s) iberismo(s) com José Saramago e Natália Correia

Carnation Revolution: What now?

Rethinking iberism(s) with José Saramago and Natália Correia

Susana Pimenta ¹

Xavier Santos ²

Fernando Alberto Torres ³

RESUMO: Pretende-se abordar a questão do(s) iberismo(s) nas dimensões política e cultural, nas perspetivas oferecidas por José Saramago, no romance *A Jangada de Pedra* (1986), e por Natália Correia, no ensaio *Somos todos hispanos* (1988). Este trabalho procura aferir as convergências e as divergências “iberistas” dos dois escritores e atores políticos do panorama cultural do pós-25 de abril na discussão pública sobre a posição pós-imperial e europeia de Portugal. Enquanto Saramago denuncia e enfatiza o lugar político periférico da Península Ibérica não só em relação à força centralizadora da Europa, como também do poder hegemónico dos Estados Unidos, Natália Correia apela a uma “comunidade ibérica” ou “comunidade ibero-afro-americana” essencialmente cultural. De acordo com a análise das obras, ambos defendem um “iberismo cultural”, assente numa comunhão cultural entre Portugal e Espanha, para dar resposta a um novo contexto comunitário, ou seja, a adesão conjunta à Comunidade Económica Europeia (1986).

PALAVRAS-CHAVE: Iberismo, Iberismo cultural, José Saramago, Natália Correia

¹ Susana Pimenta é doutorada em Ciências da Cultura e mestre em Cultura Portuguesa. Atualmente é Professora Auxiliar Convidada na área das ciências da cultura na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. É membro integrado do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias (CICANT), da Universidade Lusófona, e membro associado do Centro de Estudos em Letras (CEL). Contacto: spimenta@utad.pt

² Xavier Santos é licenciado em Línguas, Literaturas e Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Frequenta o curso de 2º ciclo em *Ensino de Português e Inglês no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário* pela mesma instituição. Contacto: al75981@alunos.utad.pt

³ Fernando Alberto Torres Moreira, doutorado e agregado em Cultura Portuguesa, é professor catedrático de Cultura Portuguesa no Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), e diretor e vice-diretor, respetivamente, do doutoramento e do mestrado em Ciências da Cultura. É membro integrado do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias (CICANT), da Universidade Lusófona e membro associado do Centro de Estudos em Letras (CEL). Contacto: fmoreira@utad.pt

ABSTRACT: The aim of this article is to address the issue of Iberianism(s) in its political and cultural dimensions, from the perspectives offered by José Saramago in his novel *A Jangada de Pedra* (1986) and Natália Correia in her essay *Somos todos hispanos* (We are all Hispanics) (1988). This work seeks to assess the convergences and ‘iberist’ divergences of the two writers and political actors of the post-25 April cultural scene in the public discussion about Portugal’s post-imperial and European position. While Saramago denounces and emphasises the Iberian Peninsula’s peripheral political position not only in relation to the centralising force of Europe, but also to the hegemonic power of the United States, Natália Correia calls for an essentially cultural ‘Iberian community’ or ‘Ibero-Afro-American community’. According to an analysis of the works, both advocate a ‘cultural Iberianism’, based on a cultural communion between Portugal and Spain, in order to respond to a new community context, i.e. the joint accession to the European Economic Community (1986).

KEYWORDS: Iberism, Cultural Iberism, José Saramago, Natália Correia

Introdução

¿El iberismo está muerto? Sí. ¿Podremos vivir sin un iberismo? No lo creo.
(José Saramago, in Reis, 2023, p. 83)

Revolução dos Cravos: e agora, portugueses? O 25 de abril de 1974 abriu as portas da liberdade e ao mesmo tempo a possibilidade de uma pluralidade de discursos e perspetivas sobre o futuro da nação, que se desejava num regresso à Europa.

Na adesão de Portugal às Comunidades Europeias, assume-se que o ciclo imperial português está fechado, e que a assinatura do Tratado de Adesão a 12 de junho de 1985⁴ representa “simbolicamente [...] nova arrancada que reinsira Portugal no contexto da unidade europeia, participando de pleno direito do seu dinamismo e progresso” (Soares, 1985). Este passo político é também considerado um dos marcos “mais significativos da história portuguesa contemporânea” e augura um “futuro de progresso e de modernidade” e “largas perspetivas de desenvolvimento”, mas é sobretudo o culminar do “processo de democratização da sociedade portuguesa, iniciado com a Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1974, e igualmente da descolonização que se lhe seguiu [...]”

⁴ Cf. Discurso de Mário Soares na cerimónia da assinatura do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias a 12 de junho de 1985.

Nota: O entendimento entre Mota Pinto (PSD) e Mário Soares (PS) formou um governo de coligação chamado Bloco Central, que quem se deveu a assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, assinada a 12 de junho de 1985 e efetivada a 1 de janeiro do ano seguinte.

feita com atraso de vinte anos em relação aos outros países europeus” (Soares, 1985). Por isso, era necessário reduzir a “distância que ainda nos separa[va] dos países desenvolvidos da Europa” (Soares, 1985). Este episódio marcou os cenários económico e político-cultural das décadas seguintes deste país pobre, Portugal, agora reduzido, como afirma Onésimo Teotónio de Almeida, ao “retângulo mal aconchegado a um canto descaído da Europa, apenas respingado numa dúzia de ilhas adjacentes e com um esquecimento, que chega a ser souvenir doloroso às portas da China: Macau” (Almeida, 2017, p. 29).

A partir do 25 de Abril de 1974, de acordo com um longo levantamento bibliográfico realizado pelo açoriano Onésimo Teotónio Almeida (2017), surgiu na camada intelectual portuguesa a inquietação e interrogação sobre o “futuro de Portugal e o seu papel no mundo de hoje” (2017, p. 29) que, no fim de contas, refletiam sobre “a especificidade da cultura portuguesa, a idiosyncrasia do povo, as dominantes da História nacional (2017, p. 29), ou seja, sobre a *identidade portuguesa*.

Apesar da ideia europeia acolher um grande número de apoiantes dos vários espetros políticos e culturais, houve quem tivesse antecipado alguns problemas que o Tratado de Adesão poderia causar. Na primeira linha, situaram-se as vozes críticas de Natália Correia (1988) e José Saramago (1986). A “velha questão do iberismo” levantada pelos dois escritores veio resfriar a euforia causada pela adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia, a 1 de janeiro de 1986, sobretudo aquando da publicação de *A Jangada de Pedra*, onde Saramago, por via da ficção, denuncia uma distância sem salvação entre a Península Ibérica (periférica) e a Europa (central e centralizadora) (Reis, 2023, p. 65). Também Natália Correia (1988) lançou uma pedra no charco europeu ao procurar a “recuperação espiritual da pátria” que considerava passar forçosamente pela comunhão cultural entre a “Península Ibérica”, a “África” e a “América do Sul”.

No discurso da cerimónia da assinatura do Tratado, em 1985, Mário Soares, europeísta convicto, reforçava a ideia de que a adesão à CEE não implicava a renúncia aos “laços de fraternidade” para com os países de língua portuguesa, mas antes contribuía para uma nova dinâmica de cooperação:

Portugal, para quem os laços de fraternidade com os países africanos de expressão portuguesa e com o Brasil revestem primordial importância, está certo de que a sua entrada na CEE contribuirá para criar um novo dinamismo de cooperação da Europa comunitária com a África e com a América Latina. Seremos igualmente fiéis à nossa vocação atlântica, tendo visto, pelo presente tratado, reconhecidos os nossos direitos sobre uma vastíssima zona desse oceano que tão intimamente conhecemos há séculos e cujas imensas potencialidades importa urgentemente saber explorar (Soares, 1985).

O que é o “iberismo”? De uma forma simples, trata-se de um movimento político-cultural que implica a união das nações da Península Ibérica. No entanto, existem contornos vários que tornam este conceito mais complexo. Ressalva-se que o conceito deve ser analisado no seu plural, isto é, iberismos nas suas várias dimensões política, cultural e económica. Na dimensão política, Matos

define o “iberismo” como “aspiração à integração das nações peninsulares numa unidade política e económica mais vasta, ibérica, sob a forma unitária ou federal, monárquica ou republicana” (2007, p. 170). O historiador identifica também o “iberismo cultural” que tem como objetivo aproximar as tão diversas culturas ibéricas e, ainda, um outro iberismo que sustenta “tão-só a vantagem de incentivar as relações económicas entre Portugal e Espanha” (2007, p. 170).

Várias foram as ideias políticas, económicas, sociais ou culturais que moldaram este movimento ao longo dos vários momentos e contextos históricos da nação portuguesa. Sérgio Campos Matos (2007) considera que “Na cultura política portuguesa, o iberismo foi de meados do século XIX ao decénio de 1880 um dos tópicos mobilizadores do debate público sobre a nação, o seu passado, presente e futuro” (Matos, 2007, p. 169), apesar de não encontrar eco na sociedade civil. De acordo com o autor, “teve escassa influência social, até mesmo no seu tempo áureo, o da Regeneração: foi difundido (...) sobretudo por intelectuais, jornalistas e funcionários públicos” (Matos, 2007, p. 169). Não terá sido diferente no tempo e contexto em que se insere o presente trabalho, isto é, o espaço temporal dos anos 80, no rescaldo da adesão de Portugal à então CEE, hoje União Europeia.

Na discussão pública sobre o “iberismo”, José Saramago e Natália Correia apresentam teorias que, apesar de distintas na forma (ficção e ensaio, respetivamente), se aproximam na essência e, sobretudo, na defesa de um património cultural ibérico.

1. Natália Correia e a “comunidade ibero-afro-americana”

Natália Correia nasceu em 1923 e desde cedo participou da vida político-cultural portuguesa até ao ano da sua morte, em 1993. A escritora atravessou por vários estados e tempos políticos: em jovem lidou com o Estado Novo, em adulta assistiu ao nascimento da democracia. Vítor Neto afirma que “a poeta emergiu na vida político-cultural como um foco iluminado pela grandeza da sua forte personalidade, pela independência do seu carácter e pela frontalidade das suas posições políticas” (2020, p. 334).

Em 1988, Natália Correia publicou um ensaio que intrigou e instigou a comunidade intelectual portuguesa, intitulado *Somos todos hispanos* ([1988] 2003). Num momento em que se discutia a posição pós-imperial de Portugal e se festejava a recém-adesão à Comunidade Económica Europeia (1986), a escritora opôs-se ao “atlantismo”, na subserviência de Portugal aos Estados Unidos da América, e ao “europeísmo”, por considerar uma aniquilação da cultura portuguesa; aliás uma ideia (ou convicção) que manteve até 1992, aquando da assinatura do Tratado de Maastricht, que denominou “culturicídio”.

No contexto político-cultural, o ensaio foi percecionado como uma provocação e “resposta ao absolutismo de Cavaco Silva” (Martins, 2023, p. 588), mas trata sobretudo a *ibericidade* comum entre

as nações da Península. No entanto, a afirmação perentória “Eu não sou iberista!”, de Natália Correia, quando confrontada com a crítica à sua obra *Somos todos hispanos* (1988) no debate sobre Iberismo, realizado na RTP, em 1989, na série *Café Central*⁵, é reveladora não de um iberismo político-económico, mas antes de um iberismo cultural, já defendido por Oliveira Martins, nos finais do século XIX.

Dois anos antes, José Saramago publicava *A Jangada de Pedra* (1986) e as perspetivas comparadas não tardaram em surgir, mas logo a poeta⁶ se apronta a distanciar-se, desvalorizando a obra num tom cáustico e irónico que lhe era característico: “Nunca li o livro de Saramago. Eu não sou leitora de livros comerciais. Eu sou uma marginal” (Martins, 2023, p. 589). Apesar das querelas⁷ entre os dois escritores, as visões sobre o tema mais se aproximam do que se afastam. Na visão de Saramago, como se verá adiante, não se avançaria muito na temática sem antes conhecer profundamente o campo literário ibérico. Natália Correia, consciente dessa necessidade, explora a história literária portuguesa em busca de testemunhos que evidenciem a ligação às raízes iberomediterrâneas e continentais. As epígrafes que ilustram cada capítulo do ensaio *Somos todos hispanos* são indícios da fundamentação histórico-política, literária e cultural que norteiam o pensamento de Natália Correia, a saber, Miguel de Unamuno, Luís de Camões, Oliveira Martins, Ramón Gómez de la Serna, Agostinho da Silva, Afonso Lopes Vieira, E. Gimenez Caballero, Antero de Quental, Menéndez y Pelayo, António Augusto Cortesão, Jaime Cortesão, Ramiro de Maeztu, Frei Juan de Rocacelsa e Almeida Garrett. Este último inspira o título da obra: “Somos hispanos e devemos chamar hispanos a quantos habitamos a península hispânica” (Garrett *apud* Correia, 2003, p.107).

O ensaio *Somos todos hispanos* (2003) provocou no espaço público reflexões (não velhas) sobre a relação entre Portugal e Espanha e sobre o papel do Portugal (pós-imperial) no mundo. Quando da publicação deste ensaio, houve uma crítica de Boaventura de Sousa Santos que desencadeou um aceso debate na RTP, no já referido programa *Café Central*. Sousa Santos, num dos programas anteriores dedicado aos *Nacionalismos*, acusou o texto de Natália Correia de “poder vir a constituir a justificação ideológica e simbólica para a absorção de Portugal pelo grande mercado espanhol” (RTP *Café Central*,

⁵ Programa em formato de tertúlia cultural, com apresentação de Alexandre Manuel e dedicado ao Iberismo, movimento político e cultural que defende a aliança das relações a todos os níveis entre Portugal e Espanha, com os convidados Natália Correia, escritora, Boaventura Sousa Santos, sociólogo, António Quadros, escritor, Fernando Rosas, historiador, e a participação especial dos cantores Paco Bandeira e Manuel Freire.

⁶ Natália Correia não gostava que a tratassesem por poetisa (Martins, 2023).

⁷ Sabe-se da animosidade entre NC e JS desde o episódio da direção do Jornal (Martins, 2023): o escritor foi substituído por NC, num cargo de direção que ocuparia durante quinze anos. Este episódio e as palavras proferidas na entrevista concedida à Boca Bilingue parecem ter sido ultrapassados, passados alguns anos, quando o Prémio Nobel integrou a Frente Nacional para a Defesa da Cultura (FNDC), criada por Natália Correia, em 1992. O autógrafo “Natália, que seja por bem...” anuncia uma solidariedade na defesa do setor cultural português. Esta integração é decorrente do ato censório de Sousa Lara, quando este retirou o *Evangelho segundo Jesus Cristo* da proposta de lista nacional ao Nobel de 1996. O autógrafo encontra-se aqui https://bparpd.azores.gov.pt/livros_mes/documento-do-mes-35/?cn-reloaded=1.

1989, 00:01:30). Natália Correia aprontou-se a esclarecer o sentido do livro, a começar pelo próprio título:

(...) a frase somos todos hispanos, não é minha, é do Garrett e que tem o fundamento cultural e não tem a ver com os problemas económicos levantados a propósito da nossa integração na CEE e dos perigos que daí podem advir (...) tem a ver com a questão do nacionalismo. O meu texto pretende convidar a uma reflexão sobre as matrizes da cultura portuguesa, porque isso é uma exigência dentro da nossa integração, e a partir de 1992 sobretudo, é uma exigência da nossa integração na Europa é nós definirmos a nossa cultura (RTP Café Central, 1989, 00:03:30).

Natália Correia não defende o iberismo nas dimensões política e económica, mas no plano cultural, isto é, apela a um “relacionamento cultural estrutural” (Correia, 2003, p. 13) entre Portugal e Espanha, e convida à análise do processo histórico destas nações:

A observação do processo histórico que foi formando a nacionalidade portuguesa aconselharia a dar proeminência ao facto de que a nação portuguesa não é um efeito daquilo que fez a independência mas do que a independência fez. Numa interpretação política da nação assim será. Não da nação cultural que preexiste ao Estado. (Correia, 2003, p. 39)

Renuncia ao dito popular “De Espanha nem bom vento nem bom casamento”, e apela a que se olhe não as diferenças entre os dois países antes as semelhanças, mas admite que “dos dois lados da fronteira circulam fantasmas exortadores de dissídios ou, pior ainda, do desconhecimento mútuo com que as duas nações procuram anestesiar as feridas” (Correia, 2003, p. 13). Segundo a autora, a “comunhão cultural” passaria pela eliminação de ideias, tais como:

A Espanha recalcando o ressentimento pela amputação de Portugal ao corpo ibérico; Portugal remoendo o espinho de veleidades anexionistas que enviesadamente espreita no país vizinho. (...) Pelo que toca a Portugal, ataque-se descomplexadamente as ideias infectadas de hispanofobia (Correia, 2003, p. 13).

A escritora defende, assim, uma “comunidade ibero-afro-americana” (Correia, 2003, p. 13), que deve ser trabalhada num “projeto amplexivo” no âmbito do “novo relacionamento com Espanha no quadro comunitário pelo lado positivo” (Correia, 2003, p. 14). Segundo a autora, e tendo em conta o novo processo histórico, Portugal voltou ao território de onde partiu, mas deixou “a sua presença bem marcada” em vários pontos do mundo, pelo que

É com estas duas realidades, a do país reduzido à dimensão territorial da partida e a de uma lusofonia pluricontinentalmente implantada que, para Portugal, chega o tempo de repensar a sua cultura, já não como reforço da identidade nacional mas também como condição mesma da salvaguarda dos elos com as nações que falam a nossa língua. (Correia, 2003, p. 9).

No entanto, Natália Correia vai mais longe: “não é escassa a colheita de testemunhos sobre a apelação das nossas raízes ibero-mediterrâneas, continentais, atestações desanimadoras para os exclusivistas do determinismo atlântico” (Correia, 2003, p. 10). Neste campo, Natália Correia

percorre um caminho solitário no cânone do iberismo ou, tal como refere Miguel Filipe Mochila (2024), de insularidade iberista e feminina, “em face da tal *mesquinheira da hispanofobia*, agudizada pela sua insularidade feminina no próprio cânone de um iberismo cartografado no masculino, reclama para si mesma, sugestivamente, o papel de cantora profética de uma ibericidade matricial” (2024, p. 208).

2. *Jangada de Pedra*, de José Saramago

José Saramago, nascido em 1922, é uma das figuras incontornáveis naquilo que diz respeito à História da Literatura e Cultura Portuguesas do século XX, início do século XXI, quer pela qualidade literária que apresenta, quer pelo envolvimento destemido em questões políticas e sociais. Uma das várias particularidades da criação literária de Saramago é, por isso, conjugar o mundo literário com o mundo social, isto é, uma literatura que não está alienada da sociedade ou do meio em que é produzida. E, talvez, tenha sido esta mesma particularidade que lhe traçou o caminho em direção ao Nobel da Literatura, em 1998, e que, ao mesmo tempo, lhe vetou o caminho em direção ao Prémio Literário Europeu, em 1991, pois Saramago fez tremer os tradicionais valores religiosos portugueses. Este voto levou a que o autor migrasse para a ilha espanhola de Lanzarote.

Separou-se fisicamente do país, mas, a seu ver, não da sua cultura e mudou-se, enfim, para um país sobre o qual havia sido “instruído na convicção firme de que o [seu] inimigo era, e haveria de ser, Espanha” (Saramago, 1988, p. 32). Aliás, segundo o autor, as relações externas, sempre desvantajosas para Portugal, nos acordos com França ou Inglaterra – cujo efeito, deste último país, ainda persiste nas vinhas do Douro –, haviam sido o menor dos problemas quando comparadas ao “rancor Castelhano, sentimento dito patriótico em que fomos infatigáveis no decorrer dos séculos” (Saramago, 1988, p. 32). Para desmistificar esta ideia, Saramago apresenta o ideal utópico (trans)iberico e uma visão política através dos diversos ensaios e crónicas que vai publicando quando do momento de adesão à Comunidade Económica Europeia. O autor expõe a sua visão, enquanto escritor e cidadão, relativamente à união cultural entre Portugal e Espanha, contribuindo assim para o ressurgimento da velha questão iberista.

Nesta reflexão, procura-se compreender como Saramago arquiteta e entende o conceito de Iberismo, na obra *A Jangada de Pedra*, onde um “espaço geo-cultural individualizado” (Justo, 2008, p. 199), ou seja, a Península Ibérica, se afasta progressivamente da Europa, o velho continente. Pretende-se, também, perceber até que ponto esse afastamento, não “físico”, mas sim cultural, já não estaria de certo modo concretizado – quer de forma voluntária ou involuntária.

Entende-se que um dos aspetos cruciais para a compreensão dos textos literários de Saramago são os textos ensaísticos e políticos. Um desses mesmos registo é o próprio discurso do Nobel de 1998, onde o autor apresenta, entre outras obras, *A Jangada de Pedra* que “separou do continente

europeu toda a Península Ibérica para a transformar numa grande ilha flutuante, movendo-se sem remos, nem velas, nem hélices em direção ao sul do mundo” (Saramago, 2018 [1998], p. 6). O que teria, então, provocado este romper com a Europa? Qual seria o destino desta “jangada de pedra, que navega no mar, sem prisões” (Saramago, 2021, p. 85)?

Um dos cenários expectáveis, senão mesmo lógicos, é que “[p]erdendo a península o pé, ou os pés, [seria] o inevitável mergulho, o afundamento, o sufoco, a asfixia” (Saramago, 2021, p. 140). Contudo, Saramago apresenta outra realidade – a realidade literária, onde este afastamento não significa um sufoco ou uma asfixia, mas antes um “encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do Atlântico” (Saramago, 2018 [1998], p. 6). Esta realidade literária, advinda de umas das linhas de pensamento saramagiano, associa-se a um sentimento que marcou, ao longo da história do iberismo, o seu (res)surgimento, isto é, um “sentimento de decadência da raça latia e [da] necessidade de autoafirmação num contexto internacional dominado pela surgimento de novas realidades nacionalistas” (Delgado, 2020, p. 49).

Entende-se que a discussão relativa ao romper físico da Península Ibérica com o continente europeu se baseia em duas questões: terão sido o conjunto de acontecimentos, digam-se, paranormais, associados às personagens principais que terão despoletado este rompimento, ou, em alternativa e como declarado, então, pela Comunidade Económica Europeia, terá a Península querido ir embora? Então, se confirmado este último cenário, o erro teria, efetivamente, “tê-la deixado entrar” (Saramago, 2021, p. 45).

A realidade é que, independentemente daquilo que provocou o efetivo afastamento físico da Península, e por fortuna ou infortúnio geológico, os dois países, pequenos em dimensão e em poderio político, estariam agora destinados a um rumo comum, rumo esse que iria agravar os problemas de comunicação, preexistentes, com a Europa. Aliás, como nos destaca o narrador, “não poderemos ignorar que os nossos problemas da nossa comunicação com a Europa, já historicamente tão complexos, irão tornar-se explosivos” (Saramago, 2021, p. 45), problemas estes associados àquilo que Saramago categoriza no macroproblema dos países pequenos, como foi o caso de Andorra, isto é, o esquecimento, pois “é ao que estão sujeitos todos os pequenos países, bem podiam ter-se tornado maiores” (Saramago, 2021, p. 34.).

Assim sendo, é importante notar que o iberismo de Saramago, ou trans-iberismo, como a seguir se apresenta, “é fruto da consciência radical do esquecimento, ignorância ou prepotência com que a Europa olhava para a realidade ibérica e, muito especialmente para o papel de Portugal no continente” (Delgado, 2020, p. 52). Este esquecimento não se cinge apenas a Portugal, mas estende-se também a Espanha, daí o narrador *d'A Jangada de Pedra* apresentar, ao longo da narrativa, elementos que Carlos Pazos Justo (2008) categoriza e denomina como “História partilhada” (p. 199). Para além desta história partilhada, são também evidentes as referências à língua e à literatura portuguesa e espanhola,

ou seja, estamos perante “o recurso a uma Pluralidade Ibérica, [...], sendo esta a estratégia repertorial que mais activamente contribuiu à construção” (Justo, 2008, p. 199) do já referido espaço geográfico e cultural da Ibéria. Esta união cultural não teria qualquer tipo de significado não fossem os agentes culturais que mais a impulsionam e patrocinam – ou seja, as personagens principais, de ambas nacionalidades, e um cão “(sem esquecer o cão, que não é um cão como os outros)” (Saramago, 2018 [1998], p. 6).

Uma das estratégias que visa a defesa da “aproximação entre Portugal e Espanha baseada não na política, mas no conhecimento e na cultura” (Delgado, 2020, p. 49), assenta em contrapor a solidariedade internacional com a solidariedade entre os povos ibéricos, pois com base nos elementos apresentados por Saramago é evidente uma superioridade solidária ibérica relativa àquela que vinha da Europa ou dos Estados Unidos da América.

Perante o contexto narrativo que é apresentado, as personagens desta jangada de pedra, que parecia navegar sem rumo aparente, teriam de se recordar de uma ideia que Saramago fez questão de reforçar, “que os governos só são capazes e eficazes nos momentos em que não haja razões fortes para exigir tudo da sua eficácia e capacidade.” (Saramago, 2021, p. 217). Daí residir nos pequenos atos esta aproximação quase fraterna entre portugueses e espanhóis. Esta não se cingia à boa relação que as personagens principais mantinham entre si, pelo menos em grande parte do desenvolvimento narrativo, mas em atitudes manifestadas em expressões como “onde comia um comiam todos, estamos em tempo de irmãos recomeçados, se é humanamente possível ter sido e tornar a ser” (Saramago, 2021, p. 92). É interessante notar aqui o uso do verbo recomeçar, que talvez apresente qual o propósito desta viagem, não em busca de uma ilha desconhecida, como Saramago já nos havia habituado, mas sim em busca de um novo propósito relacional entre Portugal e Espanha, e também entre os países outrora colonizados.

Perante o afastamento da Península Ibérica, ou das “terras extremas ocidentais” (Saramago, 2021, p. 163), começam a surgir na Europa duas linhas de pensamento distintas. A primeira prende-se com um “inexpresso alívio” (Saramago, 2021, p. 163) consequente desse afastamento pois,

para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis (Saramago, 2021, p. 164).

Este sentimento de alívio surge, de facto, ligado à falta de elementos culturais significativos que relacionem a Península Ibérica com a Europa, ao contrário do que acontece com Espanha e Portugal, que apresentam elementos que aqui foram categorizados como história comum ou até mesmo partilhada. Por outro lado, surgem também estranhas manifestações no seio da “raça dos inquietos” (Saramago, 2021, p. 165), manifestações essas associadas ao (re)conhecimento de quem eram os

povos ibéricos, ou o que era a ideologia ibérica. Consequência deste (re)conhecimento foi o facto dessas pessoas “inconformes e desassossegadas” se terem assumido como ibéricas, manifestação óbvia dum “sinal de uma perversão evidente” (Saramago, 2021, p. 165). Terá sido na França, ou num país de língua francesa, que primeiro surgiu a incógnita frase “Nous assi, nous sommes ibériques” (Saramago, 2021, p. 165), contudo, e segundo o narrador, “[e]sta declaração inauguradora alastrou rapidamente, apareceu nas fachadas dos grandes edifícios, nos frontões, no asfalto da rua, nos corredores do metropolitano, nas pontes e viadutos” (Saramago, 2021, p. 165), uma enumeração que tanto poderá enfatizar a dimensão da solidariedade europeia, como também a ironizar e satirizar; ou seja, aqui o autor parece recorrer a manifestações impactantes por toda a Europa para demonstrar como é que estes dois países, unidos, pareciam manifestar o seu poderio, contra as forças conservadoras que não só desvalorizavam os protestos e as demonstrações, como também as reprimiam violentamente. Note-se, também, que os opositores a estas manifestações surgiam das “pessoas [que] traçaram o negro quadro das realidades ibéricas” (Saramago, 2021, p. 167) e que terminavam qualquer debate sobre esta questão ibérica com a emblemática frase “Faça como eu, escolha a Europa” (Saramago, 2021, p. 167).

Carlos Reis apresenta um aparente motivo para esta solidariedade: a viagem e (re)descoberta de um propósito, “como si antes de la insólita separación se hubiera cancelado la solidaridad de los europeos con una condición ibérica ahora descubierta como motivo y brújula del viaje” (2023, p. 65). Estaria, então, a identidade europeia, ainda numa fase de construção, já ameaçada por esta nova empreitada por parte dos povos ibéricos que procuravam, então, (re)definir a sua posição num contexto internacional?

A crítica que aqui se depreende prende-se, como menciona Reis (2023), com “la denuncia de una distância aparentemente insalvable entre la Península Ibérica, como espacio periférico e incluso marginal, y el poder de la Europa central y centralizadora” (p. 65). Note-se, ainda, que para além de um encontro cultural, até mesmo fraterno, entre Espanha e Portugal, Saramago pretendia também, e como já mencionado, um encontro com os povos outrora colonizados, com quem partilhavam um dos mais importantes elementos culturais – a língua. Os objetivos deste encontro prendiam-se com o seguinte propósito: transcender a conceção do iberismo tradicional, ou seja, “apresentar um conceito superador do iberismo tradicional, que englobaria os países de tradição ibérica na América e em África” (Saramago, 1994, s.p. *apud* Delgado, 2020, p. 48) de modo a desafiar “o domínio sufocante que os Estados Unidos da América do Norte vêm exercendo naquelas paragens” (Saramago, 2018 [1998], p. 6). Aliás, Saramago considerava:

que esta Península, que tanta dificuldade terá em ser europeia, [corria] o risco de perder, na América Latina, não o mero espelho onde poderia rever alguns dos seus traços, mas o rosto plural próprio para cuja formação os povos ibéricos levaram quanto então possuíam de

espiritualmente bom o mau, e que é, esse rosto, assim o penso, a mais superior justificação do seu lugar no mundo (Saramago, 1988, p. 32).

O lugar no mundo, a que Saramago se refere, depende, também, da potência militar e económica dos Estados Unidos da América, posição esta ligada ao papel que aqueles países assumem nos mais diversos conflitos mundiais ou regionais. Teriam, portanto, as nações ibéricas um papel, por exemplo, humanitário totalmente diferente daquele que alegaram aquando do período a que chamamos «Descobrimentos»? Humanitário, pois, esta aproximação cultural ir-se-ia sobrepor ao domínio americano, domínio este que carrega uma carga histórica e ideológica que se baseia em mitos e excepcionismos, à semelhança do que aconteceu com Portugal e Espanha.

O narrador de *A Jangada de Pedra* confessa-se, de facto, surpreendido pelo intervencionismo americano perante o progressivo afastamento da Península Ibérica do continente europeu. Mas não pelo intervencionismo americano tradicional – excessivo, sufocante, dominador –, antes pela falta do mesmo:

O que tem causado certa perplexidade é a prudência da Casa Branca, em geral tão pronta a intervir nos negócios do mundo, onde quer que eles tragam vantagens, havendo, porém quem sustente que os norte-americanos não estão dispostos a comprometer-se antes de verem aonde é que tudo isto, literalmente falando, vai parar (Saramago, 2021, p. 170).

Esta prudência causa um certo sentimento de espanto, acreditando o narrador que não existindo qualquer tipo de interesse por parte dos Estados Unidos da América na posição que a Península Ibérica estava a assumir, não haveria, portanto, qualquer tipo de interesse em intervir. Note-se, porém, que a nova posição da Península, ainda não definida no momento narrativo, colocava em causa a Base das Lajes, um dos exemplos do intervencionismo militar americano. Seria a libertação da dependência americana, derivada, em parte, desta base militar, uma forma de afirmação de Portugal que não dependia agora da mesma para marcar a sua posição do mundo, mas sim da relação que inevitavelmente teria de estabelecer com Espanha?

Quando a Península Ibérica encontrava já a posição, a sul, em áreas ditas conflituosas, os Estados Unidos da América tomaram uma decisão sem precedentes: não intervir nos negócios do mundo. Aliás, “nunca os Estados Unidos se demitiram das suas responsabilidades para com a civilização, a liberdade e a paz, mas que os povos peninsulares não podiam contar, agora que penetravam em áreas conflituais de influência” (Saramago, 2021, p. 338).

Esta posição reforça, novamente, a ideia de que a posição da Península é que definia o lugar que esta tomava nas decisões do mundo. Ambos os países, que outrora se encontravam no extremo da Península, não tinham qualquer poder ou influência, mas com esta mudança de posição geográfica, e com esta união fraterna entre nacionalidades, o cenário apresentava já ser outro – atente-se que os

Estados Unidos da América nunca se deixariam influenciar quer por Portugal, quer por Espanha, mesmo que estivessem na sua posição dita tradicional.

O encontro cultural aqui apresentado, entre os povos ibéricos e os povos outrora colonizados pretendia, “em desconto dos seus abusos coloniais, ajudar a equilibrar o mundo” (Saramago, 2018 [1998], p. 6), abusos estes que teriam de ser repensados. Relativamente a esta questão, Saramago esclarece:

[a]dmitiria que a América Latina quisesse esquecer-se de nós, porém, se me autorizam a profecia, antevejo que não iremos muito longe na vida se escolhermos caminhos e soluções que nos levem a esquecer-se dela (Saramago, 1988, p. 32).

Carlos Justo, considera, aliás, ser esta uma das linhas definidoras do pensamento saramaguiano, ou seja, a defesa da “[n]ecessidade de incrementar o diálogo cultural com a América Latina e parte da África” (Justo, 2008, p. 202), pois admitia a própria existência de “uma enorme área ibero-americana e ibero-africana, que terá certamente um grande papel a desempenhar no futuro” (Saramago, 1986, p. 24 *apud* Justo, 2008, p. 202). Saramago supera, assim, a definição de iberismo tradicional, apresentando, também a consciência histórica e cultural de que esta utopia requeria “visão histórica especial e decisiva” (Saramago, 1994, s.p. *apud* Delgado, 2020, p. 48).

Por último, será o (trans)iberismo uma urgência perante o contexto mundial? Pilar del Río (2020) considera que o (trans)iberismo é crucial agora, neste mundo globalizado, e que poderá responder à questão da (in)visibilidade de países como Portugal e Espanha, que têm um reduzido poder de decisão. Esta união com os países outrora colonizados reforça, novamente, a ideia do equilíbrio do mundo, que depende de um repensar histórico e decisivo, de modo a colmatar as diferenças significativas de poder entre os países do extremo ocidental, e os países que ainda sofrem as consequências de um neocolonialismo norte-americano e europeu.

Considerações finais

O 25 de Abril de 1974 abriu caminho para repensar o destino de Portugal que, num ambiente democrático, passou pela integração na Europa. As decisões políticas tomadas deram mote para uma reflexão sobre um *velho* tema: o iberismo. José Saramago agitou o campo literário com *A Jangada de Pedra* e Natália Correia com o ensaio *Somos todos hispanos*.

Na temática ibérica, Natália Correia destaca-se, num meio intelectual predominantemente masculino, como uma voz provocadora com a proposta de uma “comunidade ibero-afro-amaericana”. Com base na tradição literária ibérica, a escritora reflete sobre a identidade cultural portuguesa e a relação desta com a Península Ibérica. Longe de defender um iberismo político ou

económico, a poeta propõe um reconhecimento do legado cultural partilhado dos dois países da Ibéria, desafiando, assim, preconceitos históricos e resistências nacionalistas.

A obra *A Jangada de Pedra*, de José Saramago, oferece uma reflexão profunda sobre as relações culturais, históricas e geopolíticas entre Portugal, Espanha e os países de tradição ibérica na América Latina e em África. A representação da Península Ibérica como uma "jangada de pedra" que se distancia da Europa, Saramago sugere que este afastamento, longe de representar uma crise ou decadência, pode ser visto como uma oportunidade para o renascimento de uma identidade ibérica mais inclusiva e solidária.

Os dois autores não apenas instigaram reflexões sobre o papel de Portugal no contexto europeu pós-imperial, mas também revelaram capacidade de articular uma visão ampla e crítica sobre a cultura portuguesa no panorama ibérico e global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, O. T. (2017). *A obsessão da Portugalidade*. Quetzal Editores.
- Correia, N. (2003). *Somos todos hispanos*. Editorial Notícias.
- Delgado, S. D. (2020). José Saramago, transiberista. In C. Reis (Eds.), José Saramago. Nascido para isto. (pp. 47-61). Fundação José Saramago. <http://hdl.handle.net/10174/28488>.
- Ferreira, P. R (2016). *Iberismo, hispanismo e os seus contrários : Portugal e Espanha (1908-1931)*. Tese de doutoramento em História (História Contemporânea), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Justo, C. P. (2008). A *Jangada de Pedra* de José Saramago: reportório e sistema interliterário ibérico. *Diacrítica, Ciências da Literatura*, 22(3), 197-209. DOI:10.13140/RG.2.1.1107.0161.
- Martins, F. (2023). *O Dever de Deslumbrar - Biografia de Natália Correia*. Contraponto Editores.
- Matos, S. C. (2007). Conceitos de iberismo em Portugal. *Revista de História das Ideias*. Vol.28, p. 169-193. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Mochila, Miguel Filipe (2024). A jangada de Fedra: a ibericidade de Natália Correia. *ex aequo*, 49, 197-214. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2024.49.13>
- Neto, V. (2020). Natália Correia e a PIDE: Vigilância e Controlo. *Revista das Histórias das Ideias*. Vol. 38, 2ª Série. 307-336. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-8925_38_13
- Reis, C. (2023). *Iberismo y transiberismo: mitos, traumas y representaciones*. Ministerio de Educación y Formación Profesional.
- Río, P. (2020, outubro 3). En este mundo globalizado que tiene que repensarse, ¿el iberismo sigue siendo una utopía? [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=c5Rg1vNfFLM>
- Saramago, J. (1988). O (meu) Iberismo. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 330(VIII), 32.
- Saramago, J. (2018[1998]). *Discursos de Estocolmo*. Porto Editora.
- Saramago, J. (2021). *A Jangada de Pedra*. Porto Editora.
- Soares, M. (1985). Discurso de Mário Soares por ocasião da assinatura do tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias. Retirado de: https://www.cvce.eu/obj/discurso_de_mario_soares_por_ocasiao_da_assinatura_do_tratado_de_adesao_de_portugal_as_comunidades_europeias_lisboa_12_junho_1985-pt-0681895a-4ad6-4444-94fc-63304c0f6f4a.html